

JOSÉ DE MESQUITA

*do Centro Matto-grossense de Letras
e
do Instituto Histórico de Matto Grosso*

Um Paladino do Nacionalismo

Elegio do Doutor José Vieira Couto de Magalhães

Patrono da cadeira n.º 4

do Centro Matto-grossense de Letras

proferido a 31 de Outubro de 1928

*EMILIO B. S.
— Escola Prof. Salesianas —
M. C. M. B. S.*

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

DO AUCTOR

POESIAS	1919
Elogio histórico do Dr. Antonio Corrêa da Costa	1920
O catholicismo e a mulher	1925
Elogio do General Caetano de Albuquerque	1926
TERRA DO BERÇO	1927
A CAVALHADA	1928
Um Paladino do Nacionalismo	1929

A ESCOLHA DO PATRONO

QUANDO se fundou o Centro Mattogrossense de Letras e veio á balha, como uma das primeiras cogitações, a escolha dos patronos, confesso que a minha preferência andou algum tempo oscillando entre Taunay e Couto de Magalhães.

A ambos me prenda forte vinculo de sympathia e veneração: nas obras de um, como nas de outro, eu via espelhar-se, ao vivo, o amor á terra matto-grossense, a que ligaram, mais do que os seus escriptos, a sua própria vida.

Effectivamente, tanto o egrégio carioca quanto o mineiro illustre, podem ser considerados mattogrossenses de coração, pois ambos se acham presos por liames de estreita affinidade a esta terra a que deram o melhor de suas energias, numa das phases mais agudas de nossa vida histórica.

O presidente da Província e o engenheiro ajudante da expedição do Apa se equiparam no preclaro patriotismo, na dedicação sem par pelas cousas de Matto Grosso e entre o auctor d' "O Selvagem" e o d' "A Retirada da Laguna" se me balançava o espírito numa dessas perplexidades que chegam a ser angustiosas.

Foi nesse comenos que a predilecção manifestada por distincto confrade (1) a favor do Visconde de Taunay veio tirar-me de tão difficil situação.

(1) O Dr. João Barbosa de Faria.

VOTO DA MOCIDADE

Ahi tendes, pura e sinceramente, como Couto de Magalhães se tornou o patrono da cadeira no 4.

De longe vinha e meu culto affectivo pelo emérito polygrapho cuja alta cultura até nos mais adiantados centros estrangeiros se fez conhecida e estimada.

Perdoae-me e não me increpeis si ainda aqui registro uma reminiscência pessoal.

Dês que se vai entrando esta phase outoniça do existir, as lembranças são mais ternas e suggestivas e têm o saibo ineffavel das nossas fructas agrestes, levemente aciduladas na sua esquisita doçura.

Achava-me eu nessa idade nebulosa em que o homem aflóra da criança, mysteriosa e perturbadora quadra da adolescência em que a alma omnisedenta tudo perquire, tudo indaga, tudo investiga, na ânsia de saber, que é a deliciosa tortura dos jovens.

E vai um dia ocorre-me perguntar por que se chamava Couto de Magalhães a rua para onde pouco antes nos mudáramos.

Quem, afinal, fôra esse homem, que nem mattogrossense era, para merecer o seu nome numa placa de esquina, baptizando uma artéria da cidade ?

— Foi um grande amigo de nossa terra, que nos fez muito bem, e a quem, por isso, se attribuiu muito mal, respondeu-me a pessôa a quem formulara a minha curiosa interrogativa.

Gravou-se-me para sempre, na nitidez de um vinmental, a impressão daquellas palavras.

E, com ellas, uma grande, uma insopitavel sympathia por esse amigo de minha terra, que os teve tão poucos, no abandono da sua remota distancia e da sua desconhecida grandeza.

Mais realçou a sua figura aos meus olhos de moço — ó a mocidade sempre generosa e cavalheiresca ! — a ingratição dos seus equevos, a injustiça com que lhe retribuíram os serviços a prol de nossa terra.

E da flagrante contradicção, do eterno contraste entre o bem que se faz e o mal em que se é tido, eu,

no entusiasmo febril dos meus doze annos, jurei que havia de rehabilitar em nosso meio memória tão nobre quão malprezada.

Em cada espírito de joven vive perennemente um heroe de Cervantes, cavalleiro andante do Bem, da Verdade e da justiça.

Eu se me afigurava um campeão medieval, da Cavallaria do Sonho e da Belleza, lança em riste, viseira erguida, a desaggravar, em justas magnificas, a Dulcinéa dos meus ideaes.

Já não é o mesmo sangue que me pulsa nas veias, mas os estos de ideal que me febrilizam a alma são ainda os de vinte annos atrás.

Posto hajam as desillusões dispartido a sua nevada sobre o meu espírito symbolizada nas cans que sobre a fronte me branquejam, é com a mesma vibração de outrora que, ao transpôr as portas augustas da maturidade, cumpro, perante vós e mim, os votos dos meus dias mancebos.

Oxalá assim se realizassem, com esta mesma exacção de consciência satisfeita, todos os desejos e aspirações que, na flôr vintaneira da vida, a Fada meiga da Esperança nos entremostra ás vistas e nos canta aos ouvidos, deslumbradas e attônitos !

PLANO DE ESTUDO

Muitos e mixtos são os aspectos sob os quaes poderia mostrar-vos a polymorphica personalidade de Couto de Magalhães.

Vários e variados os prismas da sua vida, constituindo cada um de per si thema para um volume, antes que para uma simples conferencia.

Um, porém, o que de perto nos interessa, um o que faz ao nosso propósito, um o que, entre os mais, avulta e se engrandece, um o que torna a nossos olhos mais interessante, sempre novo, cada dia mais actualizado: é o seu aspecto de patriota, o seu prisma de nacionalista.

E é sob esta feição que pretendo encaral-o, fazendo ver, sobretudo na sua actuação em Matto Grosso, o elevado papel que lhe cabe na Historia brasileira.

É elle assás conhecido sob outras faces prismaticas do seu formoso espírito.

Ao profundo scientista, ao operoso administrador, ao bravo militar, ao intransigente político, não ha mister estudal-o, depois do que delle hão dito varões da estatura moral de Joaquim Nabuco, Aquino e Castro, Homem de Mello e Miranda de Azevedo, no Instituto Histórico, bibliographos conscienciosos como Sacramento Blake, literatos da estampa de Affonso Celso e Arinos, curiosos pesquisadores da classe de Vampré e Álvaro Guerra, eruditos como Souza Pitanga e Roquette Pinto, para citar apenas os que me vêm á tona da memória.

A mim se me depararia tarefa cyclopica apreciar-lhe, mesmo em synthese, todas as modalidades.

Ao astro de primeira grandeza não se lhe ha de sinão focar, no telescópio, um ou outro ponto da trajetoria lucida.

Não traçarei aqui uma biographia dessas que inçam revistas e annuarios, méras seqüências enumerativas de datas, sem um plano geral de estudo ou uma lógica superior de coordenação. Não ousarei tampouco miudear a obra de Couto de Magalhães, assás grande para estudada num bosquejo e pedindo, pelas suas proporções, vagares e talentos que, uns e outros, me fallecem.

Da sua obra escripta, uma só, “O Selvagem”, por exemplo, ou a “Viagem ao Araguaya”, divulgadas em francês, italiano, inglês e allemão, daria exhaustivas monographias de critica.

Quero estudar a sua vida, o seu espírito, o seu character, o seu temperamento, o seu coração. Nisso, a meu ver, está a sua obra prima. Nisso, o seu exemplo luminoso ás novas gerações.

Evito destarte o ocioso palmilhar por terrenos já trilhados e, do mesmo passo, as perlongas extremas a que seria arrastado si me propusesse a fazer um ensaio analytico das obras do meu patrono.

Direi dele algo pouco sabido, episódios inéditos definidores do seu substracto moral, colhidos, aqui e ali, na tradição singela e espontânea do povo cuybano, em cuja lembrança elle ainda vive num halo imperecível de saudade.

E, sobre tudo, fixal-o-ei no seu verdadeiro e único prisma, no qual, como no íris, se harmonizam e se resumem, em estupenda fusão chromatica, todos os aspectos de sua empolgante individualidade — o seu nacionalismo.

NACIONALISMO E NACIONALISMOS

Ha, entretanto, distinguir, Senhores, entre Nacionalismo e nacionalismos. Ao passo que aquelle _e arreiga no verdadeiro senso patriótico, se abebera no puro affecto á terra e á gente, busca, dia a dia, novos motivos de bemquerel-as no seu passado e no seu presente, vivem os segundos de uma ignóbil exploração do sentimento que conspurcam para seu uso e gáudio, transfazendo o culto sincero do amor pátrio em industria lucrativa e mercancia de interesses, pouco se lhes dando que pereça a nação dêes que, socolor de nacionalistas, ganhem com ágio os seus cultores na fallencia das instituições ou na bancarrota do país.

Tudo está em especificar esses matizes tão diversos do Nacionalismo e não contundir o joio com o trigo, nem tomar por arautos da Verdade os falsos prophetas que, sob a lan de cordeiro, trazem a pelle do lobo devorador.

Para uns, o Nacionalismo é ideal, é regra de viver, bússola de pensamentos e acções, linha directriz da vida, alta finalidade dos feitos como dos escriptos; para outros, o nacionalismo é traficância, é ganha-pão, é mascara dourada sobre face caveirosa, é caricata imitação de uma crença morta e de um amor que esconde os seus objectivos para cohonestar os meios de que se serve.

Vivem os primeiros para a Pátria ou pela Pátria; os segundos vivem della.

De passo que aquelles o Nacionalismo inculca o dever do sacrificio, da abnegação, dos holocaustos supremos, a estes incute-lhes o nacionalismo a noção de que o país lhes é pai e está na obrigação de os criar, de os alimentar, de lhes propiciar vida regalada, numa protecção vitalicia e ignominiosa da qual *sponte propria* se não emancipam, pois, mil vezes que a liberdade, preferem essa sujeição que os traz capitisdiminuidos aos olhos dos outros mas lampeiros e felizes aos seus delles.

Ha tamanha distancia entre o véro Nacionalismo e essas ridículas contrafeituas, que, posto acudam ao mesmo nome, não passam de verdadeiros contranomes, designativos de cousas oppostas.

Vai entre um e outros a abysmal separação que se nota entre a Religião pura e a superstição fanática, entre a Arte clássica e o artificio de saltimbancos de feira, entre o Amor sincero e os manejos de Tenorios de salão, entre a san Política e o azedo partidarismo, entre a Literatura consciente e as estareis pequices de critica e cafés.

O nacionalismo barato, o nacionalismo de pau-ôco, o nacionalismo de oiropelles, o nacionalismo de fachada, o nacionalismo mascateador e trampolineiro, esse, proscrêvamolo-o do nosso espírito, pois, como os terrenos sáfaros e baldios, nada produz e si, uma que outra vez, abrolha em floração vistosa, não lhe procureis fructos, que os não tem, sendo mero enganavistas, miragem de uma hora de sol.

O outro, o Nacionalismo de ouro de lei, o Nacionalismo de cerne, o Nacionalismo rijo, enfibrado, revestido de coragem e de virtude, crystalisado em amor, indulgencia para os maus, justiça para os opprimidos, fraternidade, doçuras de mel e fortitudes de leão, esse, cultivemol-o, no imo d'alma, pois delle dimanam as nascentes puras da honra, do dever e da dignidade.

Um produz os jacobinos enfezados, os rubros chauvinistas, o bairrismo estreito, a imprensa escandalosa, as retalições da fama alheia pelos magarefes do jornal, a politicracia e a política profissional dos

que traficam, conspurcam, exploram e adulteram o nome sarado da Pátria. É a religião que arvora por dogmas o estellionato e a peita, por moral o egoísmo e o “avança”, syndicalizando a calúnia e erguendo a lisonja e o suborno á altura de instituições nacionaes.

Outro géra as mais nobres acções e os commettimentos mais bellos. Abre-se, como os campos e mattas do nosso altiplano, em flores de belleza moral, em fructos sadios e fecundos, em rijos empenos de troncos, em seiva pujante e viva, ao invés de cipós e parasitas rasteando e colleando pelas sombras.

Um deu-nos á Historia figuras sombrias e tétricas de Iagos e Isariotes da Pátria, nomes que não ha lembrar nesta hora de glorificação e triumpho.

Outro produziu um José Bonifácio, um Feijó, um Pedro II, um Caxias, um Ruy, um Eduardo Prado, um Couto de Magalhães.

O VERDADEIRO NACIONALISTA

Couto de Magalhães foi, não ha duvidar, o paradigma do verdadeiro Nacionalismo, o archetypo do Nacionalismo são e constructor, do Nacionalismo consciente e desinteressado, do Nacionalismo que é fé nos destinos da Pátria, esperança no seu futuro e amor ás suas tradições gloriosas.

Hojê que tanto se usa e abusa dessa expressão, que se canonizam, a cada passo, figuras de gesso ou cartolina, convertidas em heróes de bronze ou de mármore, emquanto se trata de apear do seu pedestal cimentado pelo trabalho às lídimas glorias nacionaes, nesse rebuscar de minúcias em que se obliterou o verdadeiro senso histórico, bom é que se inculque, na pessoa de Couto de Magalhães, o padrão do Nacionalismo sincero, digno de erigir-se como um dos pontífices do amor pátrio, um dos progonos dessa reação feliz e oportuna que ora sacode as consciencias, abrindo novos horizontes ao Brasil.

Desde a sua ante-vida, remontando-lhe além do

berço, já iremos encontrar as raizes ávitas de seu Nacionalismo.

Da linhagem de Fernão de Magalhães, o heróico, navegador lusitano, de quem disse Camões haver sido “no feito com verdade Português”, veio Couto de Magalhães á vida na velha Diamantina, coração de Minas que é, por sua vez, o coração do Brasil, zona tradicional que representa para nós o que é a Bretanha para os franceses, a Irlanda para os anglo-saxões, o Lacio para os italianos, fóco de lendas, irradiador de tradições e nossa estupenda reserva racial.

Em uma das mais lindas paginas da sua obra admirável, evoca-nos Oliveira Vianna, com acuidade de visão e finura de sensibilidade, a “Minas do lume e do pão” que mantém, nos dias agitados de hoje, a physionomia “de um Brasil patriarchal, de que falavam os nosso avós, conservando ainda, quasi intactos, esses nossos antigos costumes, tão cheios de penetrante poesia que a civilização dos litoraes, na sua expansão incoercível, vai rapidamente destruindo.” (2)

A ambiência e a ancestralidade pefadaram, desde as faixas do berço, o nacionalista no filho do histórico arraial do Tijuco.

Seu avô materno, também diamantinense, o celebre naturalista José Vieira Couto, foi um sábio a quem muito deve a sciencia em nosso país.

As memórias que escreveu, todas versantes assumptos nossos, trahem o seu profundo amor á terra natal e, mais do que essas demonstraões de puro mentalismo, fala o episódio relatado por um dos seus biographos de haver pedido, antes de morrer, que o enterrassem á sombra maternal de uma arvore, na sua fazenda do Gavião, dez léguas fóra de Diamantina.

Vinham-lhe de longe, pois, nas influencias atavicas, no sangue herdado, nas cellulas nervosas, na estrutura physica e psychica que se completam, os pendores nacionalistas.

E Couto de Magalhães não desmentiu aos seus maiores: foi toda a vida o prototypo do nacionalista

(2) Pequenos Estudos de Psychologia Social, pag. 55.

consciente, daquelle que o é por força do passado, desse nacionalismo sadio que se alicerça na tradição e na historia.

O seu bello programma consubstancia-se naquellas paginas formosas da conferencia anchietana — o canto de cysne de seu patriotismo acendrado — a restauração da brasilidade deturpada pelos feios exotismos.

Brasilidade na musica e nos cantos populares, pugnando pela adopção do cateretê, do rude versejar dos “Homeros do povo”, da viola ou guararápeva, a exemplo dos ingleses que, nos seus ricos solares, dançam muito nacionalisticamente o scotisch-gig, simples bailado popular.

Brasilidade, como a queria Eduardo Prado, na indumentária, no mobiliário, no phraseado, nos costumes e nas leras.

Brasilidade como a pregou Bilac, como a praticou, Rio Branco, como a inculcou, pelas palavras e pelo exemplo, o grande Ruy.

Assim a queria Couto de Magalhães, cuja obra e cuja vida se norteiam por um ideal primórdio, que se poderia compendiar neste lemma, muito mais expressivo que o de Joaquim Murtinho, porque em vez de visar uma fôrma de governo, cousa caduca e precária, mira a própria nação, que desejamos immortal e imperecível : — abraçaremos o Brasil !

O Nacionalista nos escriptos

A PRIMEIRA FLORAÇÃO

PERLUSTREMOS o nacionalismo de Couto de Magalhães á flôr das suas obras literárias. Estudante de Direito, na velha Faculdade paulista, Couto de Magalhães já se nos revela, nas primeiras manifestações da sua intelligência, o que seria na sua fulgente carreira publica — o devotado apostolo do nacionalismo.

Os seus primeiros ensaios versam themas nacionalistas, assumptos históricos colhidos entre interessantes episódios da vida brasileira.

Tinha vinte e três annos quando publicou “Os Guayanazes” — conto cujo entrecho se prende á fundação de S. Paulo (3).

No prologo epistolar, endereçado a Homem de Mello, confessa haver escripto esse trabalho “aos trambolhões e ás carreiras,” evocando a sua vida de estudante, que diz ter continuado a ser a mesma “com a differença que a confusão e o labyrintho já não eram tão alegres.”

Chronologicamente, não é esta a primeira obra de Couto de Magalhães, que, no mesmo anno, publicara as suas theses de formatura, para obter o grau de doutor, seguidas da Dissertação, cujo thema era: “Poderá o Bispo em sua Diocese suspender um sacerdote do exercicio das suas funcções administrativamente sem as formalidades do juizo?” (4)

(3) Edição da Typ. Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

(4) As theses formam um fasciculo de 11 pags. impresso na Typ. Litteraria e a Dissertação um de 14, editado na Typ. Imparcial, ambos em 1860. Possuo um exemplar curioso desse trabalho, primeiro na ordem de antiguidade publicado pelo meu patrono.

Na “Revista da Academia de S. Paulo”, por elle fundada e redigida, com Joaquim Augusto de Camargo, outros ensaios seus vieram a lume: “Destino das letras no Brasil”, “Traços biographicos dos poetas academicos” e “O estudante e os monges” novella em estylo quinhentista, com que pôs de manifesto os recursos do seu malleavel talento literário.

Segue-se “Um episódio da Historia Pátria,” publicado na Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, em 1862, no qual tomou por objecto a revolta de 1720, em Ouro Preto, que teve como protagonista Felipe dos Santos, chronologicamente o primeiro libertário do Brasil.

É ainda esta uma obra de ardoroso nacionalismo, de exaltação das nossas glorias pretéritas e confiança em nosso porvir.

Si a primeira é uma novella de intensa emocionalidade, com paginas delicadíssimas que lembrem o Chateaubriand de *Atala* ou o Lamartine de *Graziella*, tal o idyllio de Ina e Caá-Ubi, a segunda já entremostra o pensador, o liberal, o homem de governo, pois, de entremeio a narrativa, avultam conceitos felizes e epportunos acerca da arte de governar (pags. 521 e 522), do espírito critico (pag. 528), das misérias do servilismo (pag. 530) e outras.

Um dos mais lindos tópicos desse ensaio é, por sem duvida, aquelle em que descreve o viver dos bandeirantes:

“Andavam ordinariamente a pé, em magotes de dez e vinte pessôas, a viagem era traçada pelo sol, o caminho era o trilho das feras; os rios caudalosos eram transpostos a nado, as serranias eram assoberbadas, quando cortadas a pique, por escadas de cipós.”

Laudas como esta tendel-as muitas nos livros do notável diamantinense, tão profundo nos juízos como claro no estylo em que os enunciava.

Os seus livros são todos paginas evocadoras da grandeza histórica ou geographica, moral ou physica de nossa terra, palimpsestos em que, como nos papyros

de antanho, em illuminuras douradas, resplende e avulta a gloria do Brasil. (5)

OBRAS DA MATURIDADE

Essas são as obras da mocidade, a florada primeira do seu talento.

Com a “Viagem ao Araguaya”, publicada em Goyaz, em 1863, abre-se o cyclo das obras da virilidade, os trabalhos scientificos e technicos, de feição accentuadamente pratica.

Fique dito, de passagem, que feição pratica ahi vai na lidima accepção do termo, pois tudo hoje se corrompe, até a linguagem, a tal ponto que se não pode usar uma palavra, sem que se lhe apponha nociva pejoratividade.

Si os primeiros escriptos revelavam o novellista, o imaginativo, os outros são estudos sérios e penetrantes das realidades brasileiras. (6)

É o “Ensaio de anthropologia”, surgido no Rio, em 1874, que veio a constituir “O Selvagem”, obra clássica de ethnographia, indispensável ao estudo do autochtone brasileiro e que aos mais abalisados americanistas mereceu ragados gabos. (7)

É o “Curso de grammatica Tupy”, as “Memórias sobre as colônias militares” a “Memória sobre o amansamento do selvagem”, apresentada á 4ª Exposição Nacional e, por fim, a Conferencia sobre “raças e línguas indígenas”, toda ella um hymno vibrante ao nosso país, a mais bella e cálida profissão de fé e amor á Pátria. (8)

(5) De “Os Guayanases, obra curiosa de cunho romântico, mas de fundo real, foi tirada, em 1902, segunda edição, com o nome” “Os Guayanás” adoptado pela auctor a quando da publicação em folhetim n.º “O Commercio de S. Paulo” em 1897.

(6) Da Viagem ao Araguaya tambem se extrahiu edição definitiva em 1902 na Typ. Espindola, Siqueira Cia. de S. Paulo, sob direcção de J. Couto de Magalhães e Couto de Magalhães Sobrinho, aos quaes muito deve a memória do egrejo brasileiro.

(7) Tem 2ª edição de 1913; a 1ª é de 1876.

(8) Existe colligida em volume, edição Aillaud, de 1900

De par com as obras, fôra de arrolar ainda os seus relatórios, verdadeiras monographias exhaustivas, percutindo problemas, sugerindo-lhes soluções, longe do estéril estylo official, constituindo, ao reverso, interessantes memórias elucidativas de assumptos nacionaes.

No jornalismo, que também perlustrou, norteava-lhe a acção o mesmo ideal nacionalista, bússola de sua vida, imantada sempre pelo amor ás cousas brasileiras.

Desde os áureos dias académicos, quando orador do “Ensaio philosophico” redactor d’ “O Guayaná” (1856), d’ “A Academia”, e da “Revista da Academia” e collaborador da “Revista Mensal”, já se affirmava “um dos mais bellos talentos do seu tempo” (9), o seu espírito, avesso a bohemia em vóga, procurava, de preferênciã, o convívio instructivo dos antigos, como o cura Marcellino, o padre Anselmo, Pires da Motta e outros, com quem hauria as lições fecundas do passado, únicas per si capazes de preparar um seguro porvir.

(9) Vampré — Memórias para a Historia da Academia de S. Paulo, I, 463.

O Nacionalista nas Acções

O ADMINISTRADOR E O POLITICO

Aqui deveria entrar um capitula exhaustivo e algo sáfaro, que teria por fim analysar o meu patrono em sua actuação politica e administrativa nas provincias que lhe foi dado presidir, fazendo resaltar, em alto relêvo, através dos seus actos, documentadamente, o seu nobre nacionalismo.

Tarefa, aliás, fácil me fôra, afeito que me sinto ao doce ambiente dos archivos poirentos em que, ciosamente, os historiadores e os leptidotos se disputam a posse dos alfarrabios em que dorme o Passado.

Quer-me parecer, porém, excusado o esforço nesta circumstancia.

O estudo do governo Couto de Magalhães nas provincias que regeu — Goyaz, Pará, e S. Paulo — deve estar feito por proficientes historiographos regionaes.

Da sua administração em Matto Grosso, num dos períodos mais difficeis, si não o mais difficil de nossa vida politica, não ha mister encarar, para resaltar-lhe a fibra nacionalista, mais do que dois aspectos relevantes que vêm de molde ao nosso thema: a navegação do Araguaya e a defesa da provincia contra os invasores.

De resto, fôra difficil, impossível mesmo, digamos, synthetizar no âmbito de uma conferencia que, mau grado o meu grande trabalho dynamizador, já vai sahindo prolixa, toda a vida publica do immortal brasileiro.

Basta salientar as suas nobres attitudes ao entrar e ao sahir da carreira politica. Desmentindo a

proverbial “entrada de leão...” Couto de Magalhães sahiu da politica, como nella entrara: puro e illibado.

Recusou, de uma feita, a presidência de Minas, sua terra natal.

Ao ser proclamada a Republica, presidia, na situação liberal inaugurada por Ouro Preto, a província de S. Paulo.

A sua digna e recta conducta, nessa emergência tremenda do ruir de um regime e do erguer-se de uma situação reaccionaria, foi objecto de commentarios inexactos, quê deram, felizmente, ensejo a Couto de Magalhães Sobrinho de restabelecer, a ouro e fio, com elementos seguros, a verdade histórica dos factos. (10) Só não resistiu, porque não era possível. Cahiu, porem de pé, sem um arranhão na sua dignidade. E voltou, nobremente, sobranceiramente, á vida paricular, de que não mais se afastou, fiel ás suas convicções monarchicas.

Póde-se resumir a sua vida publica neste conceito feliz de Affonso Celso: “Sua reputação sahiu illesa de tudo. Não se lhe acoima um desses actos impensados ou infelizes que estigmatizam a carreira de um estadista. Em toda parte, deu mostras de justiça, energia, iniciativa, tenacidade, economia, amor ao trabalho.” Que formosa synthese, que magnífico programma de acção offerece, nestas curtas palavras, o estadista do antigo regime aos nossos estadistas republicanos e democráticos!

O ARAGUAYA

O Araguaya foi o grande sonho de Couto de Magalhães, o supremo objectivo dos seus actos como administrador das províncias de Goyaz, Pará e Matto Grosso.

(10) Ver a respeito na Rev. do Ins. Hist. e Geog. de S. Paulo, vol. X (1905) “O meu papel no advento da Republica em S. Paulo” do Cel Henrique Affonso de Araujo Macedo e a fulminante replica do dr. Couto de Magalhães Sobrinho, na mesma Revista, vol. XI.

Sonho bellissimo, grandioso, extraordinário, que o fez passar entre os seus contemporâneos por um utopista, um visionário, quasi um demente.

Era, apenas, um estudioso dos grandes problemas nacionaes, buscando dar-lhes solução adequada e propicia.

Tal, porém, o estado dos espíritos neste país, que os melhores projectos de interesse geral são levados a chasqueio e só despertam entusiasmo quando tragam vantagem individual e immediata.

Vivemos no domínio da abstracção no que toca aos vitaes interesses do Brasil e só temos olhos de ver e ouvidos de ouvir assumptos de peculiar e personalíssima vantagem.

Desse estado de psychose collectiva que Alberto Torres, um dos nossos pensadores incompreendidos, objectivou, em estupenda retentiva, no seu folheto “As fontes da vida no Brasil” resulta o daltonismo que nos faz ver com absoluta indiferença os “problemas brasileiros,” ao passo que focalizamos com microscópica penetração os “problemas do brasileiro.”

O Araguaya é uma das grandes equações ainda não resolvidas do progresso nacional.

É um problema político, um problema tecnico, um problema histórico, que, afinal, tudo se reduz a um problema econômico, um desses vastos problemas como os que, no ponto de vista paulista, estudou, em obra notável, Cincinato Braga.

Problema como o saneamento, o Nordeste, a expansão siderúrgica, o rotoviarismo, a desafiar a acção persistente dos governos, valendo, cada um de per si, todo um plano de administração publica.

De longe vinha o grande rio lestino preocupando os homens de responsabilidade em nossa terra. Dês que se abandonara o caminho dos rios e a era gloriosa das monções se encerrou com o cyclo dourado do bandeirismo, dêz que a civilização, inflectindo seu rumo para a zona planaltina, abriu a era das “tropas e boiadas” que em Carvalho Ramos encontrariam o seu aédo, — já o Araguaya entrou na cogitação dos nossos homens de Estado.

Luis d'Alincourt, a quem devemos o mais consciencioso balanço das possibilidades e realidades de Matto Grosso nos começos do século passado, assim se exprimiu concisamente acerca do assumpto:

“Quanto para o Cuyabá é interessante o canal do Araguaya !” (11)

Couto de Magalhães não era homem para se persuadir da vantagem de um projeto e quedar-se na pura e extática idealização platônica.

Convicto do alcance que a navegação do grande rio teria para o progresso das províncias que elle une menos que separa, não lhe vereis demora no accommetter de sobremão o seu gigantesco plano.

Sonho de titan, heraclia fantasia, maravilhosa chimera realizada a golpes de vontade máscula, a Araguaya com a navegação inaugurada pelo presidente Couto de Magalhães, em curtíssimo prazo e com minutísimos recursos, serve de mostrar á indolência e á descoragem dos vencidos, que si “a imaginação é o sonho do homem accordado”, a fé e a vontade renovam, nesta época prosaica, o milagre bíblico de transportar montanhas.

A historia da navegação do Araguaya, apprehendida e efectivada por um só homem, é uma das nossas epopéas nacionaes, digna de figurar ao lado de “Guararapes”, das “bandeiras”, do “abolicionismo”, de “Palmares” e outras tantas paginas de heroísmo.

Vale um poema consagrador.

Pouco faz que lhe não dêsse vida a falta de continuidade — o grande, o eterno mal irremediável das nossas administrações.

O que se fez, por si só, testifica, a par do valor do homem que o realizou, as qualidades nativas da raça brasileira, que em Couto de Magalhães teve um os seus super-homens.

Não ha aqui espaço nem tempo de modo que se pudesse analysar o trabalho constante, profícuo, systematizado de Couto de Magalhães, em Goyaz, no

(11) Resultado dos trabalhos e Indagações estatísticas, Annaes Bibl. Nac. Vol. III.

Pará e em Matto Grosso, visando a grande finalidade que se consubstancia naquella pagina para todo o sempre memorável, que é a “acta da inauguração da navegação a vapor do rio Araguaya”, a 28 de Maio de 1868.

Couto Magalhães assigna-a como presidente de Matto Grosso, parecendo que a Providencia quis conferir á nossa terra essa gloria de haver promovido um dos maiores surtos de energia brasileira.

Foi á margem esquerda do grande rio, portanto em terras de Matto Grosso, que se realizou a solemnidade, a que assistiu o presidente de Goyaz, João Bonifácio.

Lançada a bençam pelo capellão do presídio de Leopoldina, o *Araguay-nerú-assú*, que recebeu no baptismo christão o nome de *Araguaya*, deslisou sobre as águas mansas do rio, sob o com mando de Balduino de Aguiar, levando a bordo a illustre comitiva.

Aquella scena representava o epílogo de uma odysséa memorável e pela mente do heróe perpassariam, naquella hora de triumpho, os episódios todos da lucta prolongada.

Leite de Moraes, em seu interessante opúsculo “Apontamentos de viagem” (12) reconta singela e significativamente o que foi o transporte do vapor adquirido em Cuyabá e levado através de mais de cem léguas de sertão, onde apenas os índios e as onças alternavam a sua fereza:

— O illustre Couto de Magalhães o comprara em Cuyabá, e como transportal-o a 150 léguas por caminhos abertos pelo facão do sertanejo, subindo e descendo a serra da Chapada ou de S. Jeronymo, atravessando o sertão povoado de indigenas?

Appareceu-lhe um homem que disse-lhe um dia: — “Si *voncê* quizer eu levo e *bóto* esse vapor no Araguaya.”

Couto de Magalhães que já o conhecia contractou com elle o transporte do seu vapor.

(12) Pág. 93.

UM PALADINO DO NACIONALISMO

Desmontal-o e collocal-o em pedaços no carro do intrépido sertanejo, foi a cousa mais fácil deste mundo, e o resto?

O resto corre por conta do audaz paulista que diz — é possível — quando todos lhe bradam — é impossível !

E o Capitão Gomes, com uma *boiada* em cada carro, enfia a sua caravana pelo sertão, sobe e desce serras, atravessa rios, recebe os ataques dos indígenas, que o perseguem por muitos dias, e defende-se, e, após meses de trabalho insano, gigantesco, desesperado e horrorosamente pesado, chega na sua fazenda, levanta o estaleiro, e com o machinista que o acompanhava, arma o vapor e o atira nas águas do Araguaya !

“Eis um admirável e grande feito!”

Da fôrma pela qual fez o presidente a sua viagem de Cuyabá ao Araguaya, ha pouco me foi dado ouvir viva narração de velho veterano, praça que foi do 50º de voluntários, (13) que o acompanhou nessa jornada. O percurso se fez por água até o alto S. Lourenço. Dali, a pé, dando sempre Couto de Magalhães o exemplo da resistência, á frente da expedição, composta de 15 praças e do cabo Barbosa, pretote de confiança do General, que dirigia o serviço de “rancho”.

Couto de Magalhães ia caçando pelo caminho, tendo chegado a matar uma onça.

Atirava ao vô admiravelmente.

Não se forrava a serviço algum, trabalhando naquillo que se fazia mister.

Dos que o acompanharam, nove regressaram do Araguaya e seis ficaram com elle, fazendo todos bôa carreira, graças á protecção do General. Justino — o meu informante — muito se arrependeu de ter voltado.

(13) Justino Rodrigues de Carvalho, que vivia aggregado ao sitio *Amparo*, da familia Corrêa da Costa, fallecendo em meados de 1928.

JOSÉ DE MESQUITA

E, ao concluir a sua historia, numa synthese expressiva, assim definiu o querido chefe:

— Homem bom como aquelle estou por ver... Bondade, chegou ali, parou.

Representa mais para a memória de Couto de Magalhães do que todos os elogios acadêmicos esse singelo depoimento do velho voluntário da Pátria.

A DEFESA DE MATTO GROSSO

Si nos prélios magníficos da paz e do trabalho, nas batalhas incruentas da industria e da civilização, Matto Grosso tanto deve ao seu ex-presidente, não menor lhe é a divida de guerra para com o heróico defensor do seu território talado pelo inimigo.

Ainda não completara vinte e nove annos, quando a Carta Imperial de 22 de Setembro de 1866 o investiu na presidência da Província.

Não ha admirar da sua precocidade, sabendo-se que, com 23 annos, era nomeado governador de Goyaz, a primeira província que lhe foi dado gerir.

Atravessava Matto Grosso uma das phases mais melindrosas da sua vida histórica.

A guerra com o Paraguay, deflagrada pouco antes, tivera o seu scenario primeiro no território da provinda, cuja zona sulina quasi toda cahiu, ao primeiro lance, nas mãos do invasor.

Os formidáveis cheques de Coimbra, Dourados e Corumbá, si revelaram, em poucos dias, o heroísmo do soldado brasileiro, tornaram manifesto, por outro lado, a esmagadora superioridade numérica do inimigo e o completo desapparelhamento das nossas tropas.

O terror, a consternação, o pânico imperavam no seio do povo, abraços ainda com o espectro aterrador da fome e da miséria.

A especial posição topographica da Província, o seu isolamento no centro do país, a diminuta população, o imprevisto do golpe contra ella desferido, complicavam e aggravavam a situação e a responsa-

bilidade dos que devessem dirigir-a em tão criticas conjuncturas.

Era mister dar um substituto a Carneiro de Campos, cujo aprisionamento, a bordo do *Marquez de Olinda*, fôra o rastilho que fizera explodir o grande incêndio.

Três figuras notáveis da nobreza e das armas do Império haviam sido designadas para o altíssimo posto: o visconde de Camamú, o Coronel Drago e o general Galvão.

Falleceram o primeiro e o ultimo antes de chegar ao termo da viagem; o segundo só attingiu o Triangulo Mineiro.

Sobre a cadeira presidencial de Matto Grosso pairava, como espada damocliana, o peso ameaçador da fatalidade.

É então que Pedro II, para substituir os generaes da velha guarda e os grandes do Império, nomêa um doutor em direito, recémformado, pouco mais que um moçoilo.

E o presidente — menino, como ironicamente o chrismara a opposição conservadora, sem receio nem vacillancias, sorprehende o país com o seu tino político e a sua tactica militar, qual si fosse antigo conselheiro de Estado ou official de alta patente, que os prolongados estudos de gabinete ou a peleja das batalhas enrijaram e fortaleceram.

Diplomata consummado, impede, em trabalho hábil e occulto, o receado contacto de Melgarejo, dictador da Bolívia, com os lopiztas, e valendo-se dos optimos serviços de João Carlos Pereira Leite, senhor da Jacobina, frustra o plano dos inimigos do Brasil.

Estratega perfeito, organiza e chefia a expedição que, num prestíssimo, a 13 de Junho de 1867, reconquista Corumbá, a chave do Sul, do poder paraguayoy e promove, efficientemente, a defesa da Capital.

Longe de permanecer arredado do palco da lucta, como sóem fazer os chefes, vai em pessôa, á frente da heróica flotilha de canôas, da gloriosa monção da victoria, e, nos Dourado, aguarda, sereno e confiante, o heróico feito d'armas.

Commanda, ao depois, a retirada, ante o perigo da contaminação variólica, já dizimando as forças do Sul.

Tal risco não no pôde evitar, mas empregou os meios aconselháveis de prophylaxia e combate ao, vírus epidêmico.

Ao passar o governo, em 1868, ao vice-presidente Albano de Souza Osório, outras eram as condições da Província.

O nível moral dos espíritos se erguera com a retomada de Corumbá, que pôs a cavalleiro o Norte, periclitante.

Em pouco mais de um anno, Couto de Magalhães nos reafirmara na posse de nós mesmos, de que nos achara despojados.

E si o terrível mal das bexigas veio enluctar Cuyabá, quintando-lhe a população, no auctorizado dizer de Melgaço (14), não poderá esse factio diminuir os louros dos heroés de 1867, a cuja testa, por sem duvida, colloca a posteridade justiceira o organizador da reconquista.

É quando o Governo Imperial, reconhecendo-lhe os serviços, o quis galardoar com o baronato a que se ligaria o nome glorioso de Corumbá, a cidade reintegrada ao patrimônio brasileiro, Couto de Magalhães, num gesto de desprendimento, recusou a investidura nobilitaria.

É que elle era, sem embargo das arraigadas conviccões monarchicas, um grande, um verdadeiro cultor da lidima democracia, dessa que distinguiu o próprio Pedro II, e que reside menos nas palavras inanes do que nas acções fecundas.

(14) É o calculo do Barão de Melgaço, no relatório de 1869, no qual não parece haver exaggero.

Outros Aspectos do Nacionalismo

A CRENÇA RELIGIOSA

Uma das faces em que mais transparece a característica inconfundível do vero nacionalismo é, em que pese á dissidência dos pseudo-emancipados, a crença religiosa. Querer ou não, nada contribuiu e contribue tanto á unidade nacional, como a unidade da fé, a paridade de credo e de moral. Essa estupenda “cadêa de bronze” em que Latino Coelho viu, a par da unidade de idioma, o élo da raça através dos séculos, é o que forma a verdadeira alma collectiva dos povos.

É ella que liga o brasileiro de hoje aos povôadores do século XVI, na mesma identidade de idéas, erigindo a cruz por symbolo indefesso da nacionalidade, como foi o padrão de posse e é o sinete luminoso gravado no céu, no cruzeiro das nossas noites tropicaes.

É ella que associa, no mesmo gesto, o brasileiro deste século, elevando, no alto do Corcovado, a imagem do Christo, santelmo augusto a proteger-nos contra as tormentas, e o brasileiro do anno de 1500, vendo erguer-se nas mãos de Fr. Henrique, o mesmo Christo, no mysterio da hostia immaculada do sacrificio, naquella scena que Meirelles painelizou para a immortalidade.

Brasileiramente catholico, Couto de Magalhães não abjurou jamais a crença ancestral, não se deixou enlevar pelo alchime das philosophias da moda, e como Nabuco e Eduardo Prado, seus irmãos de progenie espiritual, soube, na fidelidade innata da sua alma, conservar, ao lado da coherencia do seu credo político, a firmeza das suas convicções religiosas.

Na reversão do regime continuou, como poucos, fiel ao velho Bragança, a quem o Brasil deve meio século de ordem e de progresso.

Assim, no cahos dos systemas, ante a invasão do comtismo, do spencerismo, do materialismo haekeliano, elle que não era um jéca ignorante, e sim um espírito alumiado, lido em Platão e apaixonado pela philosophia, conhecendo, a fundo, os pensadores franceses, ingleses e, sobretudo, os allemães seus predilectos, (15) não deixou a crença que lhe herdaram os seus antigos e, mau grado os duros revezes da vida, que, no fim, lhe foi amarga e adversa, condensou o seu credo nacionalistico nestas palavras profundas e sinceras:

— “Eu não acredito que a influencia do clima seja tão decisiva á humanidade. Creio na Providencia Divina e, como consequência, creio também que o destino de um povo não está sujeito ao maior ou menor gráo de calor que possa existir na athmosphera”. (16).

O nome de Deus é sempre o timbre sagrado com que fecha os seus escriptos. Não dessistimula, não acoberta, não nega a sua fé.

Antes corajosamente, numa quadra de camaleonices e tartufismos, a exhibe de praça, no desassombro de quem julga ter comsigo a verdade.

E ao aproximar-se do “paiz do somno e da ventura,” batido pelos rudes vendavaes do infortúnio, perseguido injustamente pela politica florianesca como perigoso reaccionario, cujo crime fôra apenas a sua caridade para com os vencidos, trahido por aquelles a quem servira nos dias do fastigio, negado até o seu equilibrio mental, Couto de Magalhães não se lhe entibiou a crença no meio dos mais rudes padeceres e, já no leito de agonia, no Hotel Bôa Vista, disse,

(15) Homem de Mello — Memória lida na Sessão de 14 Outubro de 1898, no Inst. Hist. Brasileiro in Rev. LXI, II, pag 100

(16) — Um episodio da Historia Pátria.

quando lhe perguntaram si queria receber o viatico que conforta na hora tremenda da partida:

— «De bom grado, eu nunca fui materialista.» (17)

A BONDADE

Couto de Magalhães não foi, apenas, um grande espírito, uma intelligencia privilegiada, um caracter de velha tempera.

Foi, sobretudo, coração, um immenso coração, um desses corações hypertrophiados pela bondade, um maniroto do bem, a que se poderia dar por divisa “cor super omnia”, pois que nelle as qualidades sensitivas superavam as intellectivas.

Nutriu-se, como bem poucos, desse “leite da ternura humana” de que fala o grande trágico de Macbeth.

Vários episódios pontuam-lhe a vida, desde os mais verdes annos, denunciativos dessa innata bondade.

Estudante, — conta-o Spencer Vampré em suas preciosas “Memórias para a Historia da Academia de S. Paulo” -- “abriu um curso de philosophia, no mosteiro de S. Bento, onde as suas explicações obtiveram grande êxito, especialmente pelo methodo e clareza com que expunha os conceitos mais abstrusos de Hegel e de Kant”.

Ao lucro auferido do curso dava o mais nobre destino: auxiliar os seus condiscípulos pobres, facilitando-lhes por esta guiza os estudos académicos. (18)

Mais tarde, na carreira publica, jamais desmentiu os seus sentimentos da mocidade.

A sua *facies* moral se integrava, a par com a bondade nativa, por uma franqueza quasi rude e uma completa superioridade de animo, que o tornava inacessivel a intrigas e inclinado sempre á conciliação e á tolerância.

O longo viver em contacto com a natureza e com os sertanejos simples e francos, deve ter com-

(17) Af. Celso—José Vieira Couto de Magalhães — no Álbum Imperial de 5 de Agosto de 1908.

(18) Vampré, I, 464

tribuido, alem do pendor natural já vindo da raça do temperamento, para formar-lhe a curiosa psychologia.

Em Cuyabá foi muito guerreado pelos conservadores. Exploravam contra elle até os seus hábitos particulares, que o faziam um tanto esquisito, descuidado de protocollos e deveres sociaes.

A sua paixão eram as pescarias e as caçadas, sobretudo as primeiras, pelas quaes tinha verdadeiro encantamento.

Ainda nisto o seu nacionalismo sincero se põe de relevo no ingenito amor á natureza, aos costumes simples do povo, á vida livre e sadia do sertão.

Não lhe poupavam os adversários políticos as excentricidades do homem.

Incrimavam-lh’as duramente, assesteando-o de remoques pela bôca de Moutinho, um dos symbolos dessa opposição desregrada, que devassa, impiedosamente, até a vida intima dos seus contrários. (19) O P. Ernesto, por outro lado, atacava-o pela “A Situação,” de parceria com os dignitários da época (20).

Um episodio, entretanto, mostra ao vivo o seu espírito bonanchão e tolerante, a maneira superior e impessoal por que entendia e fazia a política.

Entre a direcção do partido liberal, confiada a Aguapehy, e o presidente surgira uma desintelligencia em torno da escolha de um candidato a deputado geral.

Diante da teima revelada pelo Barão, Couto de Magalhães, que prestigiava abertamente um outro candidato apresentado pelo centro, disse-lhe, na ultima conferencia que tiveram:

Bem, Sr. Nunes, o partido liberal recusa o candidato. Está no seu direito... Eu, também no meu di-

(19) Moutinho chega a comparal-o a um celebre bandido *Cama quente*, muito popular em Cuyabá naquella época. Lêa-se a *Noticia* pag. 177, e passim.

(20) É interessante acompanhar a polemica desenvolvida, após o governo, entre o P. Ernesto, nos discursos do Parlamento (1861), e C. de Magalhães. A's accusações daquelle, muitas de *lana caprina*, revidava este pela imprensa galhardamente.

reito, vou mandar chamar o Cerqueirinha — o Cerqueirinha era o chefe conservador, depois Barão de Diamantino — para vêr si elle quer fazer a eleição...

Excusa dizer que ali mesmo desapareceram os últimos escrúpulos do chefe liberal e ficou assentada a candidatura patrocinada pelo presidente.

Numa das províncias que administrou, certa vez, no intuito de hostilizar-o, o bispo, seu adversário, determinou que se não dêsse o repique de sinos á sua chegada, como era de costume.

Couto não se incommodou. No começo do mês seguinte, quando o bispo mandou receber a cõgrua na thesouraria provincial, foi-lhe dito que não havia dinheiro.

Percebeu o Prelado partir de Couto de Magalhães aquella ordem, á conta de despique.

Mandou saber si estava suspensa a congrua por ordem do governo imperial, ao que respondeu Couto de Magalhães:

— “Sim. Emquanto continuar o presidente sem repique, hão de ficar os bispos sem congrua”.

No dia seguinte, ao passar pela igreja, houve — diz a chronica — repique em tresdobro e o incidente acabou jocosamente, reconciliando-se o presidente e o bispo.

Casos dessa natureza há muitos, illustrando o caracter e o temperamento do nosso homenageado.

Citarei dois typicos, occorridos na presidência de Matto Grosso, nos quaes mais exuberava a feição generosa e longanimo do seu coração, ao qual bem se pôde ajustar o lindo verso do poeta:

Si soubessem os maus que é ideal
o bem que a gente sente em fazer bem,
não havia no mundo mais ninguém
que, mesmo sendo mau, fizesse o mal!

A MÃE DOS RECRUTAS

Era ao tempo da guerra, da terrível campanha lopezguaya que, por todo um lustro, absorveu as energias do país.

O caudal do heroísmo brasileiro crescendo, dia a dia, ia chofrar-se nas coxilhas do sul, nos contrafortes da Maracajú, nas águas mansas do Paraguay, com a onda invasora prestes repellida.

Mas esse caudal custaria ao Brasil a paralyção de todas as suas forças vitae — a lavoura, o commercio, a industria — transformadas numa única força poderosa e dinamica: o heroísmo, a bravura, a veia marcial, em que despertavam as qualidades atavicas dos defensores do Norte contra os batavos, do Centro contra os franceses e do Sul contra os espanhões.

Matto Grosso foi o alvo naturalmente preferido pelo invasor e o teatro primeiro da lucta.

A tropa militar, reduzida em numero, posto intensificada pela coragem, exigia novos e efficazes reforços.

Dahi, o appello aos civis. Dahi, o voluntariado, a espontânea adhesão de todas as classes ao aceno da Pátria em perigo.

Dahi, também, o recrutamento, necessidade inevitável, de que se valem, nos momentos angustiosos, os governos em cheque.

Ora, havia, por esse tempo, pelas cercanias de Cuyabá, uma pobre velha, viúva, sem arrimo sinão que dois filhos varões que de seu malaventurado consorcio lhe ficaram.

Eis que a ambos attinge a conscrição forçada e a infeliz mãe se vê, de um dia para outro, só e a braços com a miséria, agravada pelos horrores da época anormal que decorria. Eram os dois rapazes o esteio da casa, que lhe davam o pão do corpo, com o trabalho das suas roças, e o pão do espírito, com a alegria e o conforto da sua presença.

Imaginae a desolação e o desespero daquella inditosa creatura, ali no seu rancho humilde, onde, ao invés da fartura e do contentamento de ha pouco, imperavam as mais dolorosas apprehensões.

Eis que por ali, de passagem, vem bater-lhe á porta um homem desconhecido, rusticamente trajado, sozinho, sobraçando uma arma de caça. Em-na vendo ali tão só, interpellou-a, ao que ella, depois de narrar-lhe a

sua infortunada condição, prorompe em aladas invectivas contra o auctor da sua malventura, o presidente Couto de Magalhães:

— É esse homem mau, sem coração, que por infelicidade nos governa, o culpado de tudo que estou soffrendo! Oh! mas elle ha de as pagar! Tirar-me logo os dois filhos, os meus dois braços! Emquanto muitos por ahí vivem á tripa forra, sem cuidar, ao menos, que estamos em guerra, caçando e divertindo-se, como o senhor, os meus pequenos, que poderiam estar trabalhando para mim, lá estão nessa inferneira de quartel, a trabalhar para um governo amaldiçoado.

— Mas a senhora conhece o presidente, para falar assim delle? — perguntou o itinerante.

— Não conheço, nem quero conhecer! — gritou-lhe, desnorçada, a pobre mulher. Elle é o meu carrasco, o responsável pela minha morte!

— Pois eu o conheço e tenho esperança de conseguir que elle dispense pelo menos um dos seus filhos.

— O senhor? — e a velhinha ria, na ironia singela do povo — ora bem se vê que o não conhece... Aquelle homem não tem dó de ninguém! É duro de coração...

— A senhora — insistiu o desconhecido — quer se dar ao trabalho de ir á cidade amanha e procurar-me no Palácio? Lá estarei ás duas horas para lhe dar a solução da conversa que vou ter com o presidente.

— Mas o senhor quem é? é empregado delle, trabalha lá?

— Nada. Amigo, conhecido apenas... Vou tentar obter a liberdade de seus filhos, ouviu? Vá, vá, que eu vou esperal-a...

Mais animada, ante aquella promessa, agradeceu a velha aquelle bom homem que a Providencia lhe deparara e que tanto interesse tomava pela sua triste situação.

— O senhor é bom e Deus ha de inspiral-o. Quer, porém, que lhe diga com franqueza? não creio que o “homem” cêda.

No dia seguinte, á hora aprazada, a velhinha, envolta no seu melhor chale, transpunha a limieira do Palácio do Governo, transida de pavor e, ao mesmo tempo, alentada por vaga esperança.

Algum tempo esteve embalada entre sentires diversos, na silenciosa sala de espera.

Cruzavam por ali, a toda hora, officiaes, que entravam e saham. nos seus luzidos uniformes, esporas tilintantes, erguendo e baixando os pesados reposteiros.

Ansiava a velha pela presença do homem que a mandara vir.

Por que não apparecia elle? Mil vezes permanecesse na sua palhoça abandonada! Quem a fizera vir ali para, seguramente, colher mais uma decepção? E si tivesse de entestar-se, sózinha, com o presidente, que lhe iria dizer? Bem pudera succeder que “o outro” lhe houvesse contado tudo e o “homem”, zangado como era, a maltratasse e, ainda por cima, lhe fizesse embarcar os filhos...

Nestas agoniadas conjecturas, a qual mais dolorosa, debatia-se a alma da pobre senhora, quando um official, garboso na sua farda, scintillante de alamares dourados, ergueu a persiana da sala contígua, dizendo-lhe:

— Minha senhora, tenha a bondade de entrar.

Timida e vacillante, avançou a velha em direcção ao compartimento vizinho. Ao penetral-o deu, de choíre, com a mais surpreendente e inesperada scena que jamais imaginara: de pé, ao lado da secretária, achava-se o mesmo homem que lhe visitara o casebre na véspera. Fitava-a, calado, e, posto um sorriso brando lhe adejasse á flor dos lábios, pairava em suas feições serenas algo de grandioso, dessa espontânea grandeza que a auctoridade, quando integra, empresta áquelles a que imprime o seu sello quasi divino.

Compreendeu, num relance, o que se déra: o homem que passara caçando pelo seu rancho e o homem que agora ella via ali, em todo o fastígio da pompa official, eram um só, o mesmo, o presidente Couto de Magalhães. Tão grande foi a sua perturba-

ção que, sem saber o que fazia, lhe cahiu aos pés, de joelhos, a supplicar-lhe, chorando, mil perdões.

O governador levantou-a, dobrando-se até ella, e falou-lhe, no mais suave metal de voz:

— Nada receie, minha senhora. Volte para o seu rancho, onde já deve estar o seu filho mais velho, que fiz dispensar do serviço. Quanto ao outro, tenha paciência, pois si a senhora é mãe, a Pátria também o é e tem os mesmos direitos. Mas fique tranquilla que velarei por elle. E aprenda a não julgar os homens sem primeiro os conhecer e a não attribuir ao presidente tudo que fazem em seu nome...

Num sorriso indulgente e benévolo, encaminhou-a até a porta, onde, perfilado, erecto, o mesmo official de ha pouco erguia o reposteiro. A velhinha sahia quasi de costas, sem se atrever, tão confusa estava, a dizer uma palavra.

E como único gesto a patentear o seu reconhecimento, beijou, numa effusão de ternura, a mão áspera e tostada que Couto de Magalhães lhe estendera em despedida.

O PRESENTE DE D. MARIA TERESA

Si nesse passo se patenteou o superior espírito do patrono desta cadeira, no que se segue se põe de evidencia o seu immenso coração.

O ambiente — meio e época — era o mesmo. Prosseguia a guerra o seu curso regular, si assim se pôde dizer, pois até no mal ha, muitas vezes, regra e compassamento.

O séqüito macabro da fome e da miséria a que, com pouco, viria juntar-se à peste — corrupção physica — e a sua irman, a dissolução — corrupção moral — apertava, dia a dia, o assedio, garganteando a pobre população cuyabana. Os horrores da época, escriptos pelos coetaneos, ficam ainda longe da realidade, de que evocam tão sómente uma pallida sombra.

Cuyabá conheceu, naquelles dias trágicos, supplicios que os *bolgi* dantescos reservam para os estigmatizados pela cólera celeste. Castigo dos crimes de

1834, como insinuou Moutinho, reflectindo o pensa dos seus patricios?

Provação tremenda com que a mão do Bom Jesus — Bom até quando experimenta os seus filhos — aprouve pesar sobre a sua gente, para aquilatar da sua resistência jamais abatida em tantos revezes, desde os dramas iniciaes do povoamento?

Prova ou expiação, sabe-o Deus que dura foi e bem soffrida !

Não ha ahi penna que a descrêva, nem mister se faz denegrir as côres ao que de tão escuro se não percebe nitidamente.

A injustiça dos homens, serva e alliada da politica, attribuiu a Couto de Magalhães a exclusiva responsabilidade pela penetração da varíola no Norte.

Moutinho faz-se éco dessa versão no seu curioso mas suspetíssimo livro “Noticia sobre a província de Matto Grosso.” (21)

Assertiva leviana, tal assacadilha, libellada com as paixões ainda ferventes da época, não passou em julgado no tribunal da opinião póstera.

Certo que ninguém desvia o curso dos acontecimentos nem afasta o gládio dos grandes flagellos com que os povos, como os indivíduos, são postos á prova de tempo em tempo.

Emprestar ao detentor occasional do poder exclusiva culpabilidade pela incursão epidêmica, tendo sido tomadas as precauções possíveis, é insânia tão grande como imputar ao medico o fracasso do doente a cuja cabeceira se encontra.

De resto, taes accusações, formuladas nas folhas conservadoras do tempo, colligidas por Moutinho no seu livro, e levadas ao Parlamento Nacional pelo deputado P. Ernesto Camillo Barreto, não abalaram o credito de Couto de Magalhães e nem calaram fóra da Província, em meios onde melhor e mais isentamente se poderia avaliar os factos, a cavalleiro de ódios e affeições partidárias.

(21) Pags. 99 e seguintes.

Dellas se defendeu superiormente Couto de Magalhães, em uma serie de artigos editados no jornal *A Reforma*, do Rio de Janeiro, e transcriptos pelo *Guaycurú*, de Cuyabá. (22)

Factos falam, porém, mais, que argumentos e a eloquência das acções superou sempre a das palavras.

Couto de Magalhães tudo fez por attenuar o mal e tornar mais supportavel a dura condição dos cuyabanos em 1867.

Um correspondente do “O Monitor Goyano” relata, em chronica datada de Cuyabá (23), providencias tomadas pelo presidente “para não se morrer de fome dentro da capital”, indo até “mandar cortar carne para ser vendida ao Povo, livrando-o das garras dos salteadores”.

É sabida a ignobilima exploração que a carestia desenvolve e contam-se a propósito episódios expressivos e dolorosos. O preço do sal chegou ao exaggero da mais refinada usura: vendia-se uma colherinha quasi ao seu peso em ouro. Nada se achava, propondo-se embora a dar tudo em paga.

Foi nessa angustiosa situação que, um dia, parou em frente ao Palácio do Governo, morada do presidente, uma tropa escolhida, conduzindo grande copia de viveres e mantimentos. Eram seis ou sete nédios animaes, e vinham vergados sob o peso da carga que traziam.

Chegou o governador á janella e eis que se adianta o tropeiro, em quem reconheceu Couto de Magalhães um escravo de D. Maria Teresa — rica proprietária de grande chácara á margem do Coxipó, a quem o prendiam laços de sincera amizade. Já o moço, antes que lh'o perguntassem, dizia o recado, que trazia bem de cór:

— Senhor presidente, aqui está uma lembrança que lhe manda a “dona”. E pede para a desculpar, que mais e melhor merece Vossa Excellencia.

(22) A Situação de 10 de Outubro de 1870.

(23) O “Monitor Goyano” de 25 de Janeiro de 1868. A correspondência é de 17 de Nov° anterior.

Couto de Magalhães não houve mão em si ante o inesperado do gesto fidalgo com que o surprezava a velha amiga. Quando, porém, voltou a si do espanto, limitou-se a dizer, sorrindo, ao emissário da duas vezes liberal Senhora:

— Diga a Dona Maria que o presidente lhe fica muito agradecido. mas pede licença para mandar, agora mesmo, distribuir o seu presente ao povo, aos pobres da cidade, que bem disso estavam precisando e para os quaes decerto ella o destinou. Veja bem Gonçalo, não haverá engano da sua parte ?

O negro titubeava, sem saber o que dizer, quando o presidente lhe atalhou, de um golpe, a hesitação:

— Seja como fôr, D. Maria deve saber que um pae não póde regalar-se quando os seus filhos morrem de fome.

E chamou o ajudante de ordens para providenciar a distribuição dos gêneros.

Peroração

O MONUMENTO DE COUTO DE MAGALHÃES

HOUVE um dia, Senhores, para sempre memorável na serie de meus dias, um dia, entre tantos outros, que se me não deliu da lembrança.

Foi em pleno sertão de nossa terra.

Vai por oito annos, viajava eu, rumo do Araguaya, onde se me abria, com a primeira função judiciária, o horizonte definido e talvez definitivo da minha vida publica.

Vencidos três quartos da longa caminhada de cem léguas. deixáramos o pouso acolhedor do Barreiro, na sua passagem superior, onde demora a colônia salesiana dos Tachos. Amanhecera um dia límpido e sereno, um desses dias de começos de inverno mattogrossense, que diríeis antes da mais risonha primavera. Julho pompeava, nas galas de um céu puríssimo, a gloria de seus dias luminosos.

Na primeira marcha, sempre a mais grata do jornadeio, galgávamos, á trotada macia dos muares, um espigão que, bem defronte, se erguia, fechando-nos a paisagem. O ar do planalto, leve e translúcido, rescendia aquella hora matinal aos eflúvios mágicos da seiva. Na belleza do dia infante, a natureza virgem do sertão se offerecia aos nossos olhos em todo o esplendor e graça da sua incomparável formosura. Accentuava-se o esforço da subida e, com pouco, a estrada se reduzia a uma veredazinha no morro, galgada a custo pelas alimarias já arfantes, pois, apesar do matutino da hora, o sol começava a dardejar os seus raios candentes.

Súbito, ao cabo da lenta ascensão, eis-nos chegados ao ápice do montículo, dominado por uma linda

chapadinha, que descerrava aos nossos olhos o velario da mais encantadora perspectiva da viagem.

Galgáramos o espigão e, como quem abre de improviso um livro de maravilhas ou um escrínio faiscante de jóias, víamos, deslumbrados, um lindo painel como jamais a natureza enformara um dia.

Do terrapleno a que chegáramos descortinamos a mais surpreendente vista cycloramica em que meus olhos se têm fixado.

A esquerda, esbatido nos azues da distancia, o espigão divisor das águas do Rio das Mortes e do Xingú, o grande traço de separação entre as duas vertentes-mestras, do Amazonas e do Prata, madres de todas as águas brasileiras que correm para o Norte e para o Sul.

Mas, até lá, até esse horizonte quasi indefinido, que de extraordinárias e variadas impressões para a vista extasiada!

Cabeceiras innumeraveis pontilhavam o verde-gaio dos campos, assignalando nas esguias agulhas das palmeiras, como minaretes daquellas mesquitas rústicas, as nascentes de inumeros rios.

Várzeas ondulantes, tapizadas de gramineas, em altas macegas, por onde corre a sariema estridula, a arisca perdiz e a ema gigante, esperavam o holocausto annual das queimadas de Agosto. Caapões de um verde mais escuro, ourelando os ribeirões de águas cantantes, sobre o lagedo alvi-roseo, erguiam-se em longos fitões, á flôr das campinas, sombrios caapões solitários onde a meiga jaó desfere o seu canto, mais triste e bello que todas as vozes da saudade poética ...

A direita, os valles do Barreiro e do Garças abrem á imaginação o sonho do Pactolo, na miragem estonteadora do ouro fulgido e dos diamantes estellares.

E os olhares cansam e se repousam, alternativamente, no esfumado longinquo das serranias, nos picos altaneiros em que o sol inflecte os seus raios, transformando-os em castellos, em cathedraes illuminadas, cujas ameias e torres são as buritiranas, flabellando ao vento a sua folhagem heráldica . . .

Nessa hora, um bando de pássaros vôa, a gritar, sobre as nossas cabeças...

É a alma livre, a alma rude e espontânea do sertão que nos acolhe.

E extático, eu, a quem esses quadros tinham sabor primitivo e inédito, indago dos que me acompanhavam:

— Como se chama este lugar tão lindo ? Bem difficil haveria de ser dar-lhe um nome condigno. . .

— Esta é a chamada cabeceira do Couto — informa o meu guia.

Estávamos, de facto, na cabeceira Couto de Magalhães, entre as duas passagens do Barreiro, a 591 metros de altitude.

Couto de Magalhães ! Bem merecias que o teu nome tão injustiçado, tão mal comprehendido, tão vilipendiado em vida, alvo das contradicções chocantes da politica, aqui ficasse, neste ermo por onde passaste, nesta estrada do Araguaya, teu sonho maximo da juventude e da hombridade, perpetuando-o assim, melhor do que numa dessas “mentiras de bronze” que povôam as praças urbanas, neste sitio sobre todos fôrmoso, único digno verdadeiramente de conservar o teu nome!

O teu monumento tem por pedestal o arenito millenario da serra; como docel, o céu ridente do sertão; como corôa, o sol e a lua, o estellario magnífico, onde scintilla o cruzeiro do sul; por praça, o planalto immenso; por moldura, a selva tropical e as grandes solidões da natureza que tanto amaste.

Aqui não fala a torpente lisonja nem a maledicência poídora e roaz. Aqui o homem, ante o mysterio augusto do infinito, é sincero e bom, por sentir-se mais perto de Deus. Aqui devêra ser, não algures, o teu monumento, o teu hypogeu, o teu templo cívico.

Bem haja para todo o sempre quem ligou o teu nome a esta plaga bemdita!

A LIÇÃO DO PATRONO

Tempo é, Senhores, de colher velas, neste excurso que já vai longo.

Quero, ao terminar, extrahir do que ahi fica uma conclusão pratica. Ora que tanto se fala em nacionalismo e nacionalistas, expressões encontradiças a cada passo em livros e revistas, discursos e palestras, applicadas a esmo, por qualquer a qualquer, mister se faz, numa reacção salutar, aprendamos, nos verdadeiros sacerdotes da Religião da Pátria, a excellencia e a nobreza desse culto.

Couto de Magalhães foi, sem duvida, um paladino extremado do mais extreme Nacionalismo.

Aprendamos com elle a lição fecunda do trabalho que não esmorece, da coragem que não trepida, das convicções que se formam acima das conveniências pessoases e pairam alem dos acontecimentos subalternos.

Aprendamos nelle o amor imperterritito da Pátria, o culto sereno da Verdade e da Justiça, únicos propellidores seguros do Progresso.

Aprendamos delle, através da sua obra extraordinária e da sua vida mais extraordinária ainda, o exemplo confortante do Bem, das nobres acções praticadas pelo simples impulso da consciência, sem aspirar outro premio terreno e humano.

Assim praticando, seguindo á risca os seus exemplos e trilhando seguros as suas pegadas, elevaremos, dia a dia, o Brasil, pela elevação de cada brasileiro consciente, firme na sua fé nos destinos do país na esperança cada vez maior da sua grandeza e no amor á Pátria desinteressado e sublime, integral e perfeito, sem restricções nem sobre-intenções, tal como a amou o glorioso patrono desta cadeira, amor em que reside o segredo da harmonia terrena e da felicidade extra-humana, pois é elle, no dizer do excelso bardo florentino:

Che move il sole e l'altre stelle.